

GIDDENS E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: ANÁLISE CLÁSSICA E CONTEMPORÂNEA

CASSANO, F. A.

Centro Universitário Lusíada (UNILUS)

Rua Armando Salles de Oliveira, 150 – 11050-071 – Santos – SP – Brasil

Fone (13) 3235-1311; Fax (13) 3221-4488

famcassano@uol.com.br

Resumo

Este estudo tem como objetivo relacionar o pensamento clássico da teoria política, segundo a análise de Anthony Giddens, com a realidade contemporânea das relações internacionais. O estudo dividiu-se em duas partes: na primeira, buscou-se obter a visão do pensamento político de Weber, Marx e Durkheim e as respectivas contribuições, e, na seguinte, visou-se comparar o pensamento clássico com a realidade moderna e a sua validade atual.

Com relação aos clássicos analisados, Giddens os considera como os principais pensadores, porém, o colapso do comunismo soviético e a desintegração do socialismo europeu, fazem-no afastar Marx desse grupo. Esses mesmos fatos, sob o ponto de vista da realidade moderna, contribuem para Giddens propor a “terceira via”, uma forma de atualizar os princípios sociais e de amenizar os excessos de direita e de esquerda.

Palavras-chave: Relações Internacionais. Teoria Política. Clássicos. Análise Contemporânea.

1 INTRODUÇÃO

O pensamento clássico da teoria política foi analisado pelo autor Anthony Giddens, Sociólogo e Professor da Universidade da Cambridge.

Este estudo tem como objetivo comparar o pensamento de Weber, Marx e Durkheim – e as respectivas contribuições para as relações internacionais, segundo a análise de Giddens – com a realidade contemporânea dessas relações, bem como avaliar se há diferenças entre o pensamento de uma época e de outra.

Assim, a questão que se apresenta é de caráter analítico: os pensadores clássicos da teoria política estariam de acordo com o atual desenvolvimento das relações internacionais, caracterizado pelo processo de globalização?

Para que a solução da questão-problema apontada tenha significado científico, será efetuado um comparativo da obra de Giddens, tanto com relação aos clássicos como à realidade contemporânea.

2 A ESTRUTURA CLÁSSICA DO PENSAMENTO POLÍTICO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A análise de Giddens se desenvolve com o objetivo de oferecer a visão do pensamento de Weber, Marx e Durkheim, permitindo se verificar a contribuição desses pensamentos sem, entretanto, um compromisso cronológico uma vez que o estudo se relaciona com as idéias do autor e não com os fatos em si.

2.1 POLÍTICA E SOCIOLOGIA NO PENSAMENTO DE MAX WEBER

A análise de Giddens se concentra na elucidação das conexões entre os escritos políticos de Weber e as suas contribuições acadêmicas.

Quando iniciou a docência em Economia, Weber apresentou algumas das conclusões a que tinha chegado no seu estudo sobre as questões agrárias no leste do Elba e relacionando-as aos problemas políticos e econômicos da Alemanha como um todo. Dando especial atenção ao que denominou “questão das fronteiras” no leste da Prússia – onde se iniciou a unificação da Alemanha e que era a última principal base do poder de Bismarck –, região de grandes propriedades fundiárias, mas que estava sendo esvaziada pela emigração de trabalhadores agrícolas para outras partes da Alemanha que expandiam a produção industrial. Para o leste alemão ocorria um fluxo de trabalhadores poloneses que ameaçavam, segundo Weber, a hegemonia da cultura alemã nas áreas em que ela tinha sido mais forte. Dessa forma, o fluxo de poloneses tinha que ser detido e as fronteiras alemãs fortalecidas. Conclui então que, na Alemanha, as questões econômicas e políticas estavam vinculadas sem chance de separação, e, o país, formado em conflitos com outras nações, deveria exercer o contínuo poder de Estado-Nação delimitado sob risco de tê-lo ameaçado na prosperidade da sua cultura.

Após um afastamento da atividade econômica, provocado por distúrbio depressivo, Weber – que nesse período de afastamento havia continuado os estudos sobre as propriedades fundiárias e também aprofundado os aspectos fundamentais do desenvolvimento capitalista moderno – publica uma

obra inicial da sua questão capitalista, a qual denominou “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, e vários ensaios sobre a epistemologia e metodologia das ciências sociais.

Ao longo da vida Weber, que sempre conviveu com impulsos conflitantes que ora o conduziam para a atividade de estudioso e ora para a vocação ativa política, conseguiu estabelecer, no âmbito intelectual, uma clara distinção entre essas aspirações conflitantes ao reconhecer que a atividade do político poderia ser guiada pelo conhecimento científico – como se verifica na história, na economia e na sociologia – mas que esse mesmo conhecimento não poderia validar os objetivos pelos quais luta o político. Desse posicionamento resultou o distanciamento de Weber dos movimentos que competiam com os liberais na Alemanha: os nacionalistas conservadores da direita e os social-democratas da esquerda. Cada um deles, para Weber, tinha aderido a uma concepção “normativa” da história que teriam introduzido na política a fim de reivindicar “validação” histórica para o seu direito de governar.

Assim, Giddens classifica os temas centrais dos escritos políticos de Weber em três partes principais:

- a) Face ao estímulo recebido na infância, e que lhe instigou ao longo da sua existência, a questão-problema permanente para Weber foi a “questão da liderança” resultante da dominação de Bismarck;
- b) Do conjunto analítico weberiano segue-se que um governo democrático não pode se fundamentar em concepções de lei natural como a incorporada na teoria democrática clássica no século XVIII e início do século XIX. Para Weber a democracia é uma técnica, um meio para se atingir um fim;
- c) A clareza contundente das afirmações de Weber conduziu a enganosas interpretações das suas concepções políticas, sob três principais aspectos, contestados um a um por Giddens:
 - haveria um certo “maquiavelismo” nas concepções políticas de Weber, mas que certamente procurou evitar implicações de características éticas ou estéticas relacionadas ao poder em sua concepção final. Mas a citação de Weber “o mero ‘poder do político’ pode ter fortes efeitos, mas realmente seu trabalho não conduz a parte alguma e é sem sentido”, retrata muito bem esta desconexão com Maquiavel;
 - uma possível aprovação de Weber ao imperialismo alemão foi enfatizada por Marcuse e Lukács – este, inclusive, afirmando que a democracia weberiana seria apenas uma “medida técnica para facilitar um funcionamento mais adequado ao imperialismo”. Nas concepções de Weber, entretanto, isso é tão enganoso quanto enxergar nos seus escritos políticos nada mais que um novo maquiavelismo e pela mesma

razão: em nenhum momento Weber atribuiu um significado “normativo” ao expansionismo alemão, pelo contrário, em seu pensamento político, Weber considerava que o imperialismo – no mesmo sentido do poder – era um meio e não um fim;

- a existência de uma “rejeição” weberiana ao liberalismo, em favor de uma “aristocracia ética” nietzschiana, é combatida no contexto da sociologia política de Weber para quem, tanto as aspirações ascendentes das classes mais baixas quanto os dogmas do individualismo liberal – do qual era adepto –, só poderiam ser promovidos pelos interesses de poder do Estado: “toda cultura hoje é, e assim permanecerá, ligada à Nação”.

Em conclusão, Giddens analisa Weber sob dois prismas distintos:

- a) O pensamento político de Weber é marcado pela tensão natural do autor e pelo caráter doloroso dos seus escritos. De um lado expressou simpatia para algumas das posições do liberalismo clássico e até do socialismo, cujas concepções ficam mais bem posicionadas pela declaração: “conceitos como a ‘vontade do povo’, a verdadeira vontade do povo... são ficções”. Por outro lado, pouco antes de morrer, sustentou que Marx e Nietzsche representavam as influências dominantes na cultura moderna. Giddens confirma que o conjunto dos trabalhos de Weber constitui uma forma de integração dessas duas correntes de pensamento aparentemente incompatíveis;
- b) Uma crítica da sociologia política de Weber tem que examinar a dependência de suas idéias em relação ao contexto histórico e à fragilidade lógica das formulações teóricas. Assim, a crítica marxista de Weber tendeu a tratar os escritos sociológicos como pouco mais que expressões ideológicas de seus interesses políticos. A sociologia weberiana ficou reduzida a uma manifestação particular da “cultura burguesa” alemã imperial. Entretanto, alguns intérpretes de Weber defendem a visão de que suas contribuições acadêmicas para a ciência social devem ser isoladas de seus vínculos políticos.

O trabalho expressa, para Giddens, um contexto social e político particular no qual Weber viveu, mas incorpora concepções capazes de aplicação generalizada.

2.2 MARX, WEBER E O DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO

O objetivo de Giddens aqui será o de fundamentar a análise na distinção dos elementos

básicos na relação entre os escritos de Marx e de Weber.

A literatura sociológica apresenta poucas relações intelectuais difíceis de se interpretar como os escritos de Karl Marx e os de Max Weber. Para muitos, os escritos de Weber – em particular, A ética protestante e o espírito do capitalismo – seriam uma negativa ao materialismo de Marx. Outros assumiram uma visão contrária, considerando que grande parte da sociologia weberiana “se encaixa sem dificuldade no esquema marxiano” [1].

Somente anos mais tarde da morte de Weber, foi possível se ter acesso aos seus trabalhos precoces não publicados e avaliar-se a contribuição de Marx sobre tais trabalhos. Assim, esclareceu-se que a concepção de Marx de “materialismo histórico” é mais sutil e menos dogmática do que parece a partir de algumas de suas afirmações, e, que as contribuições de Engels ao marxismo devem ser cuidadosamente diferenciadas dos termos básicos do próprio pensamento de Marx.

Embora as mais importantes idéias sociológicas de Weber apareçam mais claramente nos seus escritos políticos do que nas publicações acadêmicas, Weber não escreveu simplesmente uma crítica intelectual de Marx, mas, também, uma crítica em resposta aos políticos proeminentes e autores marxistas de seu tempo. Dessa forma, três aspectos distintos das visões de Weber devem ser destacados:

- a) Sua atitude em relação ao “marxismo” na forma do principal agente político marxista na Alemanha, o Partido Social-Democrático;
- b) Suas concepções sobre as contribuições acadêmicas dos autores marxistas para a história e a sociologia;
- c) Suas concepções sobre o que ele considerava serem as idéias originais do próprio Marx.

Giddens dedica atenção especial para a questão que foi primordial no trabalho de Marx e de Weber – a interpretação do desenvolvimento do capitalismo na Europa. Assim, divide a análise em três partes:

- a) O fundamento histórico do desenvolvimento da sociedade alemã na última metade do século XIX;
- b) As atitudes de Weber em relação a Marx e o marxismo bem como as suas respectivas visões sobre ambos;
- c) O problema analítico que hoje um observador enfrenta ao tentar estimar as similaridades e divergências lógicas e empíricas entre os escritos de Marx e de Weber.

Na análise da tendência iminente do desenvolvimento do capitalismo, na opinião de Giddens, Weber foi vítima do determinismo materialista uma vez que percebeu uma grande irracionalidade no capitalismo: a racionalidade formal da burocracia – apesar de ter possibilitado avanços técnicos na administração – era extremamente

irracional por transgredir os mais tradicionais valores da civilização ocidental.

Embora Weber não antecipasse algum caminho para se superar essa irracionalidade, na atualidade percebem-se os efeitos daninhos da burocratização exacerbada.

2.3 A SOCIOLOGIA POLÍTICA DE DURKHEIM

Neste espaço, a análise de Giddens tem como objetivo avaliar o importante papel do pensamento político de Durkheim na correção da interpretação do principal problema sociológico abordado em suas obras: a teoria da autoridade moral.

A teoria sobre a política e o estado de Durkheim é a de menor valor sobre a sua enorme contribuição para a teoria social. Duas razões podem explicar essa não atenção recebida:

- a) Durante a vida, e mesmo após a sua morte, Durkheim foi visto como fundador de uma forma radical de “realismo sociológico” que subordinava a uma “consciência coletiva” – ficção considerada como real –, enquanto que seu pensamento político era amplamente considerado uma forma de nacionalismo místico;
- b) Posteriormente, relatos forneceram avaliações muito mais sofisticadas e precisas da sociologia geral de Durkheim, mas afastando a atenção do conteúdo político e enfatizando outros aspectos de suas obras.

Giddens comenta que a sociologia de Durkheim está relacionada como uma reação aos efeitos causados na sociedade francesa pela vitória alemã no conflito de 1870-71. Esta reação se minimiza pelo contexto político e social do pensamento de Durkheim, incorporados pelo legado da revolução do século XVIII e da qual os eventos de 1870-71 foram um resultado direto. Entretanto, tal reação assume maior grandeza por estar amparada na filosofia positivista francesa e que remonta a Comte e a Saint-Simon.

A Revolução Francesa (1789) estabeleceu uma sociedade que combinava democracia política com o poder hegemônico dos capitalistas e, ao longo do século XIX, tanto governo como sociedade foram influenciados por conservadores centrados na igreja e nos arrendatários e camponeses. Saint-Simon e Comte, cada um com a sua própria forma, procuraram descrever esse frágil equilíbrio entre liberais e conservadores, porém, consideravam essa situação transitória e desejavam uma nova e estável ordem no futuro. Como havia muita divergência entre o futuro de cada um, Durkheim elaborou em sua sociologia as soluções possíveis para essa problemática.

Essa situação permitiu que Durkheim, na obra A Divisão do Trabalho Social, concluísse que a solidariedade orgânica pressupõe um individualismo moral, ou seja, “é errado contrastar uma sociedade que vem de uma comunidade de crenças (solidariedade mecânica) com outra que tem uma base cooperativa (solidariedade orgânica), reconhecendo apenas na primeira um caráter moral e

vendo na segunda simplesmente um agrupamento econômico” [1]. Assim, surgia a solução das questões que distinguiam as concepções de Comte e de Saint-Simon.

Na análise de Giddens, o conjunto de escritos de Durkheim não fica restrito ao movimento da solidariedade mecânica em direção à orgânica e o que mais se destaca é o contraste definido pelas formas tradicionais de sociedade e a ordem social moderna. Tal contraste, segundo Durkheim, não foi compreendido adequadamente pela teoria social da primeira parte do século XIX por não perceber que a ordem tradicional não mais voltaria a existir, e, tanto os utilitaristas como os socialistas separaram erroneamente o caráter “moral” da sociedade tradicional e a base “econômica” do tipo moderno.

Durkheim estabeleceu, em *A Divisão do Trabalho Social*, que uma institucionalização do individualismo devia envolver a formação de laços de integração entre as ordens política e econômica, se direcionando para uma distribuição mais justa de funções – eliminando a divisão do trabalho forçado – sob a direção geral do estado e a moralização das relações econômicas por intermédio das associações profissionais. Essa situação constituiria uma forte ligação entre a teoria da autoridade moral com o sistema político moderno.

Quando Giddens passa a analisar o pensamento político de Durkheim, fica clara a importância do papel ocupado na sua sociologia e ressalva a necessidade de se avaliar esse pensamento em um contexto mais amplo da sociologia e filosofia política. Diversas críticas surgem pela interpretação mais rigorosa e que expõem Durkheim a acusações desfavoráveis, tais como:

- a) Ênfase na importância da coesão ou do consensus na sociedade, a ponto de excluir quase totalmente o conflito;
- b) Não conseguir desenvolver uma teoria das instituições, pois estava concentrado acima de tudo nas relações entre a sociedade e o indivíduo, negligenciando as estruturas intermediárias;
- c) Não se preocupar com o papel do poder político, uma vez que estava interessado com a obsessão na natureza dos ideais morais;
- d) Não saber avaliar as conseqüências das inovações e das mudanças sociais, já que estava voltado somente para a ordem social e o equilíbrio.

Giddens suaviza tais acusações, afirmando que haveria uma imagem errônea da posição de Durkheim em cada uma das acusações. O temperamento político de Durkheim – em suas convicções sociológicas – era de oposição ao temperamento revolucionário, ou seja, seria a evolução – e não a revolução – que criaria o arcabouço da sua concepção de mudança social. Assim, essa recusa em ver no conflito de classes o mecanismo para a transformação social radical o separava definitivamente do marxismo e de qualquer outro ativismo revolucionário. Entretanto, tal visão não significava o abandono do conflito social ou de classe, mas sim que o “problema social” – sua afirmação sempre repetida – não poderia

ser resolvido simplesmente pelas ações econômicas. Conclui então que a sociologia de Durkheim se originou na reinterpretação do liberalismo político.

3 GIDDENS E A RELEVÂNCIA CONTEMPORÂNEA DO PENSAMENTO CLÁSSICO

Na visão de Giddens, assistiu-se nos últimos anos a algumas mudanças relacionadas à posição dos três principais sociólogos clássicos analisados no capítulo anterior. O colapso do comunismo soviético e a desintegração do socialismo como modelo para uma ordem social alternativa, fizeram com que Marx perdesse a condição ocupada juntamente com Weber e Durkheim ao longo de todo o tempo.

Giddens [1] afirma que o mundo atual difere muito do que Marx e Weber previram, que, ao invés de estar cada vez mais sob o comando da sociedade, mais parece um mundo em descontrole. Também difere em muito daquela previsão dos “clássicos”, a proposta de Giddens [2] sobre a adoção da Terceira Via, uma alternativa para os princípios políticos social-democráticos se atualizarem e se contornarem os extremismos tanto de direita como de esquerda.

Assim, enquanto o debate sobre os clássicos na teoria social, há trinta anos, se ocupava com o questionamento entre positivismo e hermenêutica, na atualidade, as ciências sociais deixaram de se preocupar com questões metodológicas e passaram a reinterpretar a sociedade moderna em sua trajetória de desenvolvimento e provável futuro.

É nessa projeção da sociedade que Giddens insere um escrito de Talcott Parsons sobre o poder como uma relação na qual ambos os lados poderiam ganhar. Parsons sublinhou que essa análise do poder representava uma mudança em relação à anterior, na qual a ciência política era uma disciplina sintética, e que deveria ser analítica em paridade com a economia. Surge então o que Giddens denomina de “analogia entre poder e dinheiro”.

Para Giddens, os paralelos desenvolvidos por Parsons se baseavam na suposição de que cada um deles tinha um papel similar no interior de dois dos quatro “subsistemas funcionais” da sociedade:

- a) O poder teria na política (subsistema de objetivos) uma função paralela àquela que o dinheiro teria na economia (subsistema adaptativo);
- b) A principal função do dinheiro na economia moderna é a de “meio de circulação”, isto é, um meio padronizado de troca nos termos do valor pelo qual os produtos podem ser estimados e comparados;
- c) O dinheiro em si não teria nenhuma utilidade intrínseca, teria “valor” apenas na medida em que é comumente reconhecido e aceito como uma forma padronizada de troca.

Então, Parsons concebeu o poder como um “meio de circulação” no mesmo sentido, primariamente “gerado” dentro do subsistema político como o dinheiro era gerado na economia, e o definiu como “capacidade generalizada para servir à realização das obrigações encadeadas pelas unidades dentro de um

sistema de organização coletiva quando as obrigações são legitimadas por referência à sua relação com os objetivos coletivos". Dessa forma, como o dinheiro tem "valor" por causa da "concordância" comum em usá-lo como um modo de troca padronizado, também o poder se transformou em uma facilidade para a conquista dos objetivos coletivos por meio da "concordância" dos membros de uma sociedade em legitimar as posições de liderança.

Vale também destacar a noção de "política de poder" dada por Wight [3], segundo o qual a questão central da política internacional consiste em estabelecer até que ponto as potências possuem interesses em comum e como tais posições de liderança estarão sintonizadas na mesma frequência desejada pela sociedade.

Giddens conclui que, pelo tratamento dado por Parsons, o poder desce tão profundamente às raízes da vida social quanto os valores ou as normas e, se todas as relações sociais envolvem elementos normativos, todas as relações de poder contêm diferenciais de poder.

4 CONCLUSÃO

Considerando-se que este estudo possui objetivos relacionados com a visão do autor e sociólogo Anthony Giddens, a conclusão do mesmo estará relacionada com as principais idéias apresentadas ao longo do texto e, à medida do possível, com alguns comentários adicionais – e de outros pensadores – que permitam um melhor entendimento daquelas idéias.

Assim, para melhor direcionar as idéias conclusivas, é importante mencionar que este estudo foi dividido em duas partes:

- a) Na primeira, denominada A Estrutura Clássica do Pensamento Político e Social, objetivou-se conhecer a visão do pensamento político de Weber, Marx e Durkheim e a contribuição desses pensamentos para as relações internacionais;
- b) Na outra, denominada Giddens e a Relevância Contemporânea do Pensamento Clássico, visou-se comparar o pensamento clássico com a realidade moderna, a fim de se obter indicadores sobre a atualidade daquele pensamento.

Dada essa divisão do estudo, a conclusão do mesmo também obedecerá tal seqüência:

- a) No que se refere a Weber, a análise de Giddens confirma que o pensamento weberiano expressou simpatia pelo liberalismo clássico e pelo socialismo, constituindo uma integração de duas correntes de pensamento aparentemente incompatíveis – Marx e Nietzsche. Também afirma que Weber ficou restrito à manifestação da "cultura burguesa" alemã imperial, mas que alguns de seus intérpretes defendem as suas contribuições acadêmicas, isoladas de seus vínculos políticos. Giddens

complementa sua conclusão sobre Weber comentando que esse trabalho expressa um contexto político e social particular no qual viveu, mas incorpora concepções capazes de aplicação generalizada.

- b) Para Giddens, o determinismo materialista de Marx influenciou negativamente o pensamento de Weber, uma vez que este percebeu a irracionalidade do capitalismo: os avanços técnicos na administração proporcionados pela racionalidade formal da burocratização eram extremamente irracionais pela transgressão dos mais tradicionais valores da civilização ocidental. Embora Weber não tenha sugerido alguma alternativa para superação dessa irracionalidade, percebem-se na atualidade os efeitos daninhos da burocratização exacerbada. Sobre Marx, outras conclusões virão mais à frente;
- c) A teoria sobre a política e o estado de Durkheim, segundo Giddens, é a de menor valor sobre a sua grande contribuição para a teoria social. Isto se deve à influência da vitória alemã no conflito de 1870-71 e que causou efeitos na sociedade francesa. Giddens, entretanto, procura enaltecer o pensamento de Durkheim, suavizando as acusações desfavoráveis ao mesmo, afirmando que o político Durkheim era opositor ao temperamento revolucionário e que desenvolvia o arcabouço da mudança social através da evolução. Assim, Giddens conclui que a sociologia de Durkheim se originou na reinterpretação do liberalismo político;
- d) Na análise da relevância contemporânea do pensamento clássico, Giddens aponta os fatos relacionados com o colapso comunista soviético e com a desintegração do socialismo como forma de ordem social alternativa para deslocar Marx do grupo dos três principais sociólogos clássicos ao longo do tempo;
- e) Também em função desses mesmos fatos, Giddens alerta para a situação da perda de controle da sociedade que se transforma em "mundo sem controle". Aproveita ainda para propor a adoção da "terceira via", uma alternativa para atualização dos princípios social-democráticos e para amenizar os extremismos tanto de direita como de esquerda;
- f) Sobre a proposta da "terceira via", convém mencionar a crítica de Dupas [4] a essa tentativa de Giddens para conciliar os ideais de esquerda e de direita. Dupas, referindo-se a um artigo de Giddens publicado em maio/2002 no jornal *Le Monde de Paris* e no qual ataca os governos europeus de esquerda pela incapacidade de promover modernização suficiente, considera que há uma impossibilidade de qualquer governo social-democrata – no frio ambiente dos mercados competitivos globais – conseguir

- reformular os mercados de trabalho e os sistemas de proteção social a fim de gerar emprego e de tratar das questões relacionadas com a criminalidade e a imigração. Como essa “mágica” não é possível alguém fazer, a “terceira via” estaria inviabilizada por falta de condição exequível;
- g) Giddens, na análise do escrito de Parsons sobre o poder, refere-se à “analogia entre poder e dinheiro” considerando que cada um deles tem papel similar na sociedade. Sobre isto, Giddens conclui que o poder desce profundamente às raízes da sociedade quanto aos valores e às normas, e afirma que, se todas as relações sociais envolvem elementos normativos, todas as relações de poder contêm diferenciais de poder;
- h) Ainda sobre esta questão do poder na sociedade, convém citar, para conclusão final, o entendimento de Giddens [5] a respeito dos dois tipos de refinamento conceitual necessário para um significado “universal” do poder:
- o poder deve estar relacionado aos recursos que os agentes empregam ao longo de suas atividades para concluir o que se quer fazer;
 - o poder se relaciona aos meios de domínio sobre as atividades dos seres humanos;
- i) Dessa conceituação sobre poder oferecida por Giddens, pode-se verificar que a existência de recursos é fator determinante para a execução dos programas de governo e a manutenção do poder. A não existência desses recursos internamente, leva à busca externa dos mesmos e à sujeição das regras internacionais que direcionam os fluxos de recursos. Para aumentar a atratividade a esses recursos, não basta a existência de bons indicadores econômicos, mas, fundamentalmente, a estabilidade política.

5 REFERÊNCIAS

- [1]. DUPAS, Gilberto. Os Ventos da Europa Sopram para a Direita. São Paulo: Panorama da Conjuntura Internacional, USP, 14 (4), julho-setembro de 2002.
- [2]. GIDDENS, Anthony. Política, sociologia e teoria social: encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo. Tradução de Cibele Saliba Rizek. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- [3]. _____. A terceira via: reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da social-democracia. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. 3ª. tiragem. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.
- [4]. _____. O Estado-Nação e a Violência: Segundo Volume de Uma Crítica Contemporânea ao Materialismo Histórico. Tradução de Beatriz Guimarães. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

[5]. _____. Mundo em descontrole. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2002.

[6]. WIGHT, Martin. A Política do Poder. Prefácio de Henrique Altemani de Oliveira. Tradução de C. Sérgio Duarte (2ª. edição). Brasília: Editora da Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2002.

GIDDENS AND INTERNATIONAL RELATIONS: CLASSICAL AND CONTEMPORARY ANALYSIS

Abstract

The objective of this paper is to relate the classic thought of the politics theory, according to Anthony Giddens' analysis, with the international relationships contemporary reality. The study was divided in two parts: in the first, Weber's, Marx's and Durkheim's politics thoughts and their respective contributions, and, in the next, the classic thought was compared to the modern reality and its current validity.

In relation to the classics which were analyzed, Giddens considers them all as the main thinkers, however, the Soviet communism collapse and the European socialism disintegration, made him remove Marx from this group. These same facts, under the scope of modern reality, contributed for Giddens to propose the “third way”, a way to update the social principles and to ease the excesses of the right and the left.

Keywords: International Relationships. Politics Theory. Classics. Contemporary Analysis.